



O Jornal das Senhoras – Tomo II – 18 de julho de 1852 – Edição 29

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00029.pdf

TOMO II.—DOMINGO, 18 DE JULHO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

O JORNAL DAS SENHORAS

O nosso Exm. Bispo acaba de fazer publicar pelos jornaes desta corte uma edificante e bem elaborada Pastoral pedindo a reverencia e observancia dos Domingos a todos os fieis christãos do imperio. Nós que temos hasteado a bandeira—Religião—e emancipação moral da mulher—e convencidas estamos que só esta é a base sobre a qual o edificio social se poderá erguer e suste-se inabalavel, de cujo poder nascerão bons filhos, bons cidadãos, bons pais e bons maridos, exultamos de prazer vendo para esse fim começados os primeiros passos da igreja, que os acompanharemos com as nossas debeis forças.

Unamo-nos á ella, queridas leitoras; e com os nossos ardentes votos de mãe, de amiga, de esposa, incessantes cooperemos da nossa parte para o seu verdadeiro culto.

Encaminhando nossos filhos ao respeito a Deus, nós os levaremos ao caminho donde suavemente partirão elles para uma nova era que lhes dará—força e união.

E a mulher, sua mãe, será então abençoada.

Damo-vos aqui o pequeno trecho de um discurso inglez a respeito dos prazeres e vantagens da Religião.

OS PRAZERES E VANTAGENS DA RELIGIÃO.

A religião é filha do Céu, é a progenitora de todas as nossas virtudes, é a tutora de todos os nossos prazeres; só ella dá paz e contentamento; allivia os cuidados do coração e modera as perturbações da vida; só ella enche o espirito de fluxos de alegria, e derrama nos peitos virtuosos uma claridade pura e constante.

Ella desfaz o espirito das trevas, e abunda de graça por entre as nebulosas e imprevistas scenas da mortalidade. Ella promove o amor e a boa vontade entre os homens, levanta o coração que cahe, cicatriza as feridas do espirito, dissipa a escuridão dos pezares, adoça o calix da afflicção, embota o ferrão da morte, e em qualquer parte que ella se mostre, ou se sinta, ou se ouça, respira-se uma primavera sem fim.

A religião levanta os homens acima de si mesmos; a irreligião rebaixa-os até os brutos: uma os faz anjos, a outra demonios; esta prende-os a um pedaço de terra perecedoura; aquella abre-lhes uma vista por entre o firmamento, e lá lhes mostra todos os principios de um espirito immortal entre os gloriosos objectos de um mundo eterno.

Ergue a tua cabeça, oh christão, e vê como sobre ti reflectem placidas e não caliginosas regiões de misericordia, não manchadas pelos vapores, não agitadas pelas tormentas, e onde a amizade, a mais amavel de todas as fórmãs celestes, nunca morre, nunca muda, nunca arrefece.

Antes de pouco tempo, arrombada a fragil prisão do teu exilio, feitos em pedaços os grilhões da tua mortalidade, tu renascerás para a vida, e subirás ás ethereas regiões. A corrupção não é duradoura, e a felicidade que apenas está em botão, poucos dias, poucas semanas, poucos mezes, ou quando muito poucos annos depois rebentará em flor.

Aqui, violencias sem numero fazem esmorecer a virtude; mas lá, assim como a terra ao repontar a primavera, ella remoça, renova de verdura, ergue-se e reina com immarcessivel lustre.

Por ventura sabes o que ora és, qual é a tua actual situação?

Na tua presente condição, o teu coração pôde em verdade soluçar e exhalar até o ultimo suspiro, antes que encontres alguém que ou por generosidade te socorra, ou por humanidade se compadeça de ti. E no entretanto lá tens no misericordioso Autor da Natureza o mais certo recurso na tua ultima extremidade.

Lança os olhos um pouco além desta scena estranha, mysteriosa e sempre voluvel, que te intercepta o futuro. Repara no arco celeste desdobrado na escuridão das nuvens, que se descerrão á face do Céu, e vê como todo o hemispherio que o circunda resplandece e brilha á proporção que tu te aproximas.

Não vês os longes abençoados, que dominando a escuridão da sepultura, compensão todos os suspiros e soffrimentos presentes, passados e futuros.

Olha! eis ali o teu amigo ha tanto tempo perdido, que ainda vive na tua lembrança, que ainda inflamma teu coração, e cuja presença te dá mais prazer do que a vida inteira te poderia procurar, e cuja ausencia te custou mais lagrimas e gemidos do que a propria morte, accusa-lhe que onde elle está, tambem tu podes estar.

Aqui, te dirá elle, reina com prazer extremo uma alegria sem mancha, um amor inextinguivel, uma amizade serena, sem limites, immortal.

Todos os pezares e imperfeições da mortalidade são para nós como se nunca tivessem sido; e tudo o que se respira no Céu é só a virtude, mas a virtude solida e sem liga.

Nossos corações embebidos em extasis, não murmurão; nossos peitos ardentes em gratidão, suspirão; nossos olhos, arrebatados pelas visões celestiaes, chorão; nossas mãos, sustentando as palmas da victoria, tremem; e nossas cabeças, engrinaldadas pela gloria, pungem de dôr.

Salvos pelo poder infinito, alegres pela infinita plenitude, e felizes pela infinita bondade, assim nos conservamos. A nossa paz é sem quebra, a nossa abundancia sem necessidade, os nossos prazeres sem desgostos, a nossa saude sem a menor mistura ou o menor temor da morte.

Feliz tu para quem a vida não tem encantos, tu que não desejas prolongal-a.

Tuas inquietações em breve se desvanecerão como o sonho que zomba do poder da memoria; e esses revezes com que o teu espirito delicado e sensivel houve de combater no mundo, ficarão sem valor.

Um momento mais, e tuas queixas terão fim; as doenças da alma e do corpo desaparecerão, os receios e suspeitas de grosseiras communicações deixarão de existir, e as carrancas da fortuna e o temor do futuro não mais te intimidarão.

Então a tua voz não será mais o instrumento da tua melancholia; mas harmonisada com os hymnos da alegria, se misturará com as hostes celestes para cantar a antiphona mais sublime que os homens e os anjos jamais entoarão.

Oh morte! onde o teu destroço! Oh sepultura! onde a tua victoria!

(Extracto de um discurso inglez.)

(Da Redactora em Chefe.)

O SACERDOTE.

Achamos a proposito e digno de ser transcripto em o nosso jornal o que escreveu *Lumennais* a respeito do sacerdote em França: eis a traducção:

« É o sacerdote por dever, o amigo, a providencia viva de todos os desgraçados, o consolador dos afflictos, o defensor do que se acha sem amparo, o arrimo da viuva, o pai do órfão, o reparador de todas as desordens e males que vossas paixões e funestas doutrinas procrião. É sua vida inteira uma longa e heroica dedicação á felicidade de seus semelhantes. Qual dentre vós sujeitar-se-hia como elle a trocar os prazeres domesticos, todos os gozos, todos os bens que os homens sollicitão tão avidamente, por trabalhos obscuros, deveres penosos, funcções cujo exercicio rasga o peito e transtorna a razão, para muitas vezes não colher por fructo de tantos sacrificios senão o desprezo, a ingratição e o insulto? Ainda estais sepultado em profundo somno, e já o homem caritativo, precedendo a aurora, começou o curso de suas beneficas obras: já soccorreu o pobre, visitou o enfermo, enxugou as lagrimas do desgraçado, ou fez correr as do contricto, instruiu o ignorante, fortificou o fraco, consolidou na virtude almas turbadas pelas borrascas das paixões.

Depois de ter empregado o dia inteiro em semelhantes beneficios, chega a noite que não é repouso para elle. Na hora em que o prazer vos chama para os espectaculos e para os festins, de toda a parte correm pressurosos em busca do ministro sagrado: um christão aproxima-se do termo da existencia: vai morrer, e talvez que de alguma molestia contagiosa; que importa? o bom pastor não deixará expirar sua ovelha sem mitigar-lhe as agonias, sem rodeal-a de consolações, de esperanza e de fê, sem a seu lado orar a Deus que morreu por ella, e que nesse mesmo instante lhe dá, no sacramento de amor, um penhor certo de immortalidade.

Eis o sacerdote: eil-o-não como o apresentais com prazer em vosso odio; mas como na realidade elle existe entre nós. Sim, hoje em dia é a religião o que foi em sua origem. Ha mesmo christãos, mas não estão mudados: honrão o christianismo as mais puras virtudes dignas do primeiro seculo. Não desejaria outra prova senão essas pias associações, esses uteis estabelecimentos, que um zelo tão vivo como esclarecido forma ante os nossos olhos. Quantos homens e mulheres de todas as condições, até quantos mancebos, subtrahindo-se a todas as vistas para praticar o bem, segundo o santo preceito do Evangelho, consagrão, em procurar a desgraça e soccorrel-a, o tempo que perdeis em frivolos divertimentos, ou que talvez empregais em insultar a santa Religião, que lhes inspira essa maravilhosa dedicação! Bem sei que os não conheceis, mas conhecem-nos os hospitaes, as prisões, os obscuros retiros, em que a indigencia que soccorrerão os abençoa. »

Idem.

LINGUAGEM DAS FLORES.

Continuação.¹

VESTIDO MORAL DO HOMEM SEGUNDO AS CÔRES.

Item, primeiramente a gorra ou bonet deve ser escarlata, que significa prudencia. O chapéo deve ser verde-gaio demonstrativo da sciencia, em signal de que a sciencia vem de Deus, o qual está no Céu, e por esta razão a sciencia deve estar perto da prudencia. O gibão será preto, que significa magnanimidade de coragem, que deve clausurar o coração e o corpo do homem; as luvas serão amarellas, cuja côr denota liberalidade e fruição; o cinto, violeta, que indica amor e affabilidade; a sarja, será de pardo escuro como attributo da dôr e tristeza, affecções inseparaveis da criatura.

VESTIDO MORAL DAS MULHERES SEGUNDO AS CÔRES.

Item, em primeiro lugar; senhora ou senhora moça (isto é, casada ou solteira) deve ter pantufos pretos, cuja côr nas mulheres denota simplicidade; e isto lhes ensinará que devem andar com toda a simplicidade e não com orgulho.

Item, em segundo lugar; uma senhora, de qualquer estado que seja, deve trazer ligas de branco e preto denotando firme proposito de terem perseverança na virtude; por isso que o branco e preto não mudão de côr naturalmente. Depois disto a saia (vasquinha) deve ser de damasco branco, que demonstra a honestidade e castidade, qualidades essenciaes na mulher.

« Item, a peça dianteira (especie de avental) seja de seda carmezim, como symbolo de bons e ardentes pensamentos para com Deus. »

« Finalmente o vestido de uma senhora de primeira ordem deve ser de lhama; a qual representa bello porte: porque assim como o ouro deleita a vista, tambem uma senhora é avaliada e considerada pelo seu bello porte. »

Eis as cores dos vestidos pelos quaes se avaliava a moral dos tempos antigos; mas o que não diria hoje o mundo se por ventura quizessemos restabelecer tão rigorosos costumes? O que não dirião as nossas beldades se hoje lhes aconselhassemos um tal modo de vestir? Que diria a nossa correspondente dos artigos—Modas?—Não seria justo que nos formassem um libello e nos queimassem em vida? A moda não viria logo com seus embargos de terceiro? Eia pois deixemos esses rigorismos de outros tempos; deixemos a apreciação daquelles

¹ Vide o n. 27.

costumes aos classicos, cujas cabeças cobertas de neblina attestem a passagem de muitos janeiros; e que já não podem viver em uma athmosphera ardente e fogosa, de embriaguez e de amor, como a da mocidade.

Tanto seduz o brilho do vestido quartapisado das flores, como suas fórmãs elegantes e graciosas. A pintura e as artes se apoderarão de suas brilhantes cores e mui felizmente as reproduzirão sobre a tela, o papel e estofos; e não só a nossa linguagem mysteriosa lhes deu significações e attributos, como tambem os brazões feudaes as havião já consagrado em seus escudos, e estandartes ou pendões. Esbocemos tambem nós rapidamente o quadro dos emblemas attribuidos a cada cor, tanto nos tempos antigos como em nossos dias.

BRANCO.—Innocencia, pureza, candura e boa fé.

A maior parte dos sacerdotes da antiguidade entre os egypcios hebreus, gregos e romanos vestião tunica branca para mostrarem a pureza de costumes a que o sacerdocio os obrigava. Tal é ainda a cor do véo pudico com que as noviças que se votão ao estado religioso cobrem a fronte. O véo branco e o vestido da mesma cor são os atavios das innocentes, que pela primeira vez vão perante os altares cumprir um dos mais sagrados deveres da religião, e receber a communhão.

Frequentemente uma mãe vota ao branco e á virgem santa o mais querido filho, na esperança de que esta côr da innocencia o preservará dos accidentes que cercão as primeiras idades.

Houve tempo em Roma que, quando um joven ambicioso aspirava a altas funcções, se cobria de roupas brancas para se apresentar ao povo e ao senado. Dahi veio o nome de candidato.

PRETO.—Tristeza, morte, luto.

Não ha homem que, mergulhado em espessas trevas, não tenha experimentado terror, ou pelo menos tristeza. Então a imaginação, tocada por uma espantosa analogia, nos reconduz ao terrivel momento em que tornaremos a encontrar pela ultima vez as trevas eternas na fria noite do tumulo.

Esta impressão é a mesma em todas as creaturas, e em todos os tempos: tambem em todas as nações o preto é o symbolo da morte.

ENCARNADO.—Pudor, ardores que inflammão os sentidos.

A sacerdotisa que em Roma presidia ao casamento cobria os noivos com o seu véo encarnado, exprimindo pela côr os desejos e o pudor que colorão as faces de hymineo. Este véo chamava-se Flammeum, e a sacerdotisa Flamminique.

AZUL.—Amor puro, sabedoria. Elevação da alma, pureza de sentimentos.

Os antigos davão uma charpa azul celeste a Juno, quando ella representava o ar. Como o Céu é azul, e como elles o consideravão a sede da sabedoria eterna cobrião Minerva com um manto da mesma côr.

AMARELLO.—Infidelidade.

Esta côr foi em outro tempo o emblema da gloria. Entre os Chins é o symbolo do poder, e só o imperador e os membros da sua familia tem o direito de usar do amarello. Os pintores antigos representavão com ella o esplendor da gloria, por causa dos raios do sol, que elles pintavão da mesma côr. Homero dá um manto amarello á aurora, porque ella se tinge dos primeiros raios do sol. Os gregos vestião Ceres de amarello, em allusão á côr dourada das cearas.

VERDE.—Esperança.

Quando chega a primavera e as arvores fructiferas se revestem de encantadora verdura, ha esperanças de boa colheita. Eis porque do verde se fez o symbolo da esperança.

PURPURA.—Poder supremo. Soberania.

Antigamente só os reis podião usar mantos de purpura. Os imperadores romanos usavão delles; e para indicar o poder de Jupiter, os poetas e os pintores raramente deixavão de o vestir com roupas desta côr.

ROSA.—Juventude, belleza. Amor.

Esta mimosa côr convém muito ás moças; donde provém que todas ellas a preferem a outras. Os antigos vestião Hebe, deosa da Juventude, com roupas côr de rosa.

Continua.

NOVELLA MORAL

A Verdade e a Mentira

Traduzido do italianno pela Ex. Sra. D. J... B...

CONTINUADA.

Depois que por toda a parte a trombeta divulgou o conteúdo desse pregão, e que mil cartazes forão affixados nas esquinas das ruas das principaes cidades do mundo, todos em procura da Verdade se pozerão em movimento engodados pela esperança de merecerem tão grande recompensa.

O mesmo Tempo não quiz ficar ocioso, para não pensarem que em caso de tanta importancia elle só se fiava nas diligencias dos homens, ajuntou pois duas azas ao seu corpo e poz-se a voar pelo mundo.

Cada um tomava para seu lado; e quando se encontravão e perguntavão-se o que fazião, respondião—que tendo desaparecido a Verdade a andavão procurando.

Questionando-se mutuamente, procuravão elles excogitar o caminho tão estranho, difficil e solitario que poderia ter tomado a Verdade, visto não lhe ficar nenhum outro signal sobre a terra mais que a lembrança de seu nome.

Oh! dizem alguns—como poderia a Verdade estabelecer-se entre nós?!

—Não vedes como vivemos de fingimento?

—Éramos nós companhia a que se accommodasse tão boa, tão honesta e caridosa menina?

—Quantos não a expellirão.... quantos não fingirão amal-a, para servirem-se de seu nome! a fim de dobradamente enganar ao seu semelhante?!

—Quantos, não apreciando sua real belleza, a conduzirão fora de casa disfarçada, para que não parecesse o que na realidade era!.... Haveria até quem chamasse a seu santo candor—rusticidade e grosseria.

—Quem sabe se cançada de soffrer os enganos, ultrages e escarneos, levantando vôo, não terá deixado inteiramente o mundo?...

—Talvez que Jupiter, compadecido della, a tenha attrahido ás estrellas, e a conserve a seu lado.

Ainda que alguns assim suspeitando fallassem, a Mentira, vendo que elles não cessavão de indagar e de tudo revolver até que por fim encontrarião a Verdade, ainda que fosse do tamanho de uma agulha, receiava, como quem é culpada, que tanto afan e solicitude desse em resultado a descoberta da irmã.

Compreendeu então que não devia ficar ociosa, e que era preciso pôr em pratica os seus artificios, e não só não afrouxar na empreza, como perseverar obstinadamente nella, antes que alguns por cançados deixassem de procurar a Verdade.

E sabendo a Mentira por experiencia—que quem começa a enganar não deve dormir, mas sim procurar outros e outros enganos para salvar-se e terminar os seus designios, tomou os vestidos mais simples com que a irmã costumava vestir-se, compoz-se de tal maneira que parecia pura como o crystal, e assim começou a se deixar entrever, chegando-se ora a um, ora a outro dos indagadores, e dizendo-lhes que era a Verdade; de modo que muitos em pouco tempo juravão tel-a visto e affirmavão que ella se achava mesmo no paiz.

Mas não posso deixar de contar o que ella fez a uma reunião de philosophos, que davão busca em suas livrarias e escrevião-se uns aos outros á ver se tinham noticias da verdade; andavão elles attentos pelas praças, ruas e lojas não cessando de perguntar por ella.

Algumas vezes buscavão o mar, vagavão pelos montes ou profundos valles, outras vezes examinavão até as entranhas dos homens para ver se achavão indicios de a haverem elles descoberto.

Parte destes philosophos passavão o tempo em cogitações, medidas e calculos profundos, e até já a avistavão no zodiaco ou na ursa maior; e tão arreigados estavam neste pensamento, que quasi fóra de si não cuidavão em comer nem beber; de absortos não vião os fossos nos quaes precipitavão-se, e até chegavão a lançar-se nas crateras dos montes.

Reflectindo a Mentira, que a importuna curiosidade delles podia por fim leval-a aonde estava a irmã encerrada, sahiu um dia com passos lentos, como quem vinha de um ermo, e affectando um ar de distincção, com toda a gravidade apresentou-se ao azafama da reunião dizendo-lhes: a paz do Céu esteja comvosco, dignos irmãos!

E em poucas palavras deu-lhes a entender que era a Verdade.

Seria muito longo o narrar a grande alegria e o alarido que fizeram esses pobres ludibriados, que acreditavão já possuir o premio promettido no pregão. Elles cercavão, para que não mais lhe fugisse nem lh'a podessem roubar.

Estavão justamente no melhor da festa, muito alegres, fazendo fogueiras, preparando fogos de artificios, quando chegou o Tempo que regressava de uma penosa viagem, depois de ter em vão procurado a filha. Perguntando elle o que significavão aquellas girandolas e fogueiras que ardião, e que nova felicidade occasionava tantos gritos e o som de trombetas, respondêrão-lhe que tudo isso era em regosijo de haverem os philosophos encontrado a Verdade.

Pouco faltou ao pobre velho para cair por terra tomado pelo excesso de alegria que lhe causou esta noticia! Comtudo, tremulo e quasi suffocado pelos soluços, disse com voz entrecortada estendendo os braços:

—Onde está ella? que venha, onde está?! venha a minha filha querida consolar seu afflicto pai.

Então um philosopho adiantou-se, e tomando a palavra em nome de todos os outros, disse-lhe:

—Tempo, modera os teus transportes; tu a verás daqui a pouco, porque a excessiva alegria póde causar-te damno.

—Entretanto asseguro-te que outros que nós não fôramos não poderião encontral-a; toda a gentalha se teria em vão cançado em procural-a.

—Mas ás nossas penetrantes vistas não poderia ella occultar-se; tantas diligencias, pesquisas e conjecturas não devem ficar sem recompensa. Cumpre, ó Tempo, a tua promessa, e dá aos descobridores da Verdade aquella immortalidade que prometteste e que elles merecem.

Depois de ter assim fallado mandou vir a supposta Verdade, que em tão arriscado trance ostentava firmeza, quando lutava entre o perigo que ameaçava sua honra e o triumpho que a esperava, e a levou a seu pai que estava com os braços abertos para apertal-a ao coração.

Seria impossivel descrever-se o que experimentou o coração do pobre velho quando viu ludibriada sua expectativa! Ficou muito tempo pasmado sem saber o que dizer nem fazer! Por fim, como se lhe esclarecesse para logo a mente, não só começou a suspeitar a perversidade da iniqua filha, como a persuadir-se, vendo tanta audacia e descaramento, de que ella tivesse com sua propria mão armado alguma cilada á irmã. De sorte que, convertida logo em raiva toda sua ternura, elle lançou-lhe sua maldição.

O Tempo appellidou a todos aquelles que tomavão a Mentira pela Verdade de—estupidos, malandros, insensatos, parvos, e cabeças de vento.

Não sabendo a Mentira como desculpar-se, recommendou-se aos que estavam presentes chamando-os seus irmãos, para que a livrassem da crueldade paterna e barbaridade de um scelerado, que com maligno fingimento não queria reconhecê-la por filha, nem dar a elles o promettido premio por terem achado a Verdade.

Enternecidos por suas apparentes lagrimas e pela sede do interesse começaram a insultar grosseiramente o Tempo chamando-o de—fraudulento e perjuro—com tanto alarido e com gritos tão enfurecidos, que o Tempo atordoado e aborrecido daquelles miseraveis clamores,

levantando vôo, deixou-os em companhia da Mentira, a qual, reputada pelo que não era, ficou entre elles. Muitos affirmão que com elles ainda está.

Emquanto isto acontecia, a Verdade, metida naquelle abysmo, não podia em seu espirito acreditar que a irmã lhe tivesse feito tão grande traição.

Oh! dizia ella, como pôde minha irmã fingir tanto interesse por minha honra e pela utilidade geral!...

De que natureza é essa criatura para assim olvidar o laço fraternal e o vinculo do amor que deve unir as irmãs, e induzir-me a entrar neste abysmo donde talvez nunca mais sahirei!...

O que lhe fiz eu?

O que pretenderá ella?

Talvez ter poderio sobre os homens para poder governal-os arbitrariamente e insinuar-se nos corações á força de artificios contaminando-os com seu proprio veneno!

Não me pesa perder o soberano imperio do mundo, porém sinto sim despedaçar-se-me o coração pensando que o genero humano tem de seguir seus dictames, e serem uns para os outros o que ella foi para mim!

Mas, antes fique eu eternamente aqui sepultada em trevas do que se diga—que a Verdade polluiu-se occultando e contrafazendo seus sentimentos para poder entrar nas boas graças de alguém, e agradar a uns e outros.

Isto dizia comsigo a encarcerada Verdade, sem



contudo descuidar-se de procurar todos os meios de sahir dali: contristando-se ora por amor dos homens, ora porque a Mentira poderia algum dia inventar, que ella por negligencia se deixava ficar naquella cova.

Mas que poderia ella fazer em um lugar onde lhe não penetrava o menor vislumbre de luz?

Se queria andar, não sabia por onde pisava; se gritava, sua voz não era ouvida, pois que o artifício daquella caverna era tal que a voz repercutindo nella não podia ser ouvida de fóra, ou parecia dizer o contrario do que se pronunciava, em consequencia do que a desgraçada menina já desesperava de sua liberdade.

Tendo ficado porém algum tempo nestas horriveis trevas, começou a enxergar em redor de si uma fraca claridade como a do dia quando vem rompendo a aurora; formando a pouco e pouco um circulo e augmentando-se gradualmente tornou-se em raio de luz tão brilhante que allumiava toda a escuridão, e deixava a Verdade ver onde se achava, vindo assim ao conhecimento da medonha espelunca e da maneira de poder d'ali evadir-se.

Tinha ella justamente alcançado a sahida, quando uma companhia de pastores, que passavão por ali ao anoitecer, ao som de suas gaitas, manobrando seus varapãos e convidando suas ovelhas a entrar em seu redil, avistarão por entre as frestas do alçapão da cova alguns debeis raios de luz que a principio causarão-lhes grande admiração, mas que depois excitarão-lhes desejos de saber o que fosse.

E aproximando-se todos ao lugar donde apparecia a claridade, começarão a fazer alavancas de seus mesmos varapãos, e com grande trabalho puderão levantar uma grande pedra que tapava a medonha espelunca, e derão passagem á Verdade, que os encheu de pasmo e consolação com sua maravilhosa belleza.

Todos se prostrarão em sua presença, tomando-a por uma nympha ou pela mesma Diana que os vinha honrar, quando por um acaso o Tempo passou voando por aquelles contornos, e reconhecendo do alto a filha, cerrou as azas, cahiu a prumo, e em menos de um instante se achou entre seus braços.

Ainda no auge da alegria não pôde o Tempo occultar á sua filha querida as astuciosas iniquidades da irmã; contou-lhe pois tudo quanto occorrêra, e disse-lhe por fim que a maior parte dos homens já a tomavão pela Verdade, que por tanto ella devia immediatamente desmascarar a Mentira em qualquer parte que ella se achasse.

Ficou o coração da immortal filha traspassado de dôr ao ouvir seu respeitavel pai; porém tomando uma subita resolução, levantou para elle seus olhos cheios de lagrimas e disse-lhe:

—Meu bom pai, se eu voltasse para casa e fosse habitar nas populosas cidades, de certo que teria de viver em continuos desgostos trazendo meu coração perpetuamente angustiado; minha irmã em todo este tempo ha de ter lançado um véo tão espesso e subtil sobre os homens, que elles não o sentem, mas não poderão jamais desembaraçar-se d'elle; e de tal sorte terão bebido o veneno de suas palavras, que acostumados a ellas, já não me poderão reconhecer hoje.

Baldados seriam meus esforços para reconduzil-os á razão, pois que não poderei mais penetrar nos animos que já estão encrustados e perdidos pelo bolor da mentira e da falsidade, fiquem para sempre com ella já que com ella estão acostumados.

Tu vistes, ó meu pai, como fui ha pouco libertada por estes simples pastores, e reconheceis a obrigação que lhes devo; elles todos me cercão respeitosos, considerando-me uma Divindade.

Não permitta Deus que me mostre ingrata a tantos beneficios e os abandone. Não de me agradar tanto estes agrestes campos, quanto os grandes palacios das mais frequentadas cidades, sendo aqui tão bem quista e venerada.

Vós, ó innocentes moradores do campo, sereis sempre os primeiros a descobrir com o meu auxilio a Verdade que depois será contestada pelos partidarios de minha irmã, os quaes acostumados a mentir não de sempre ser como as paredes, que são construidas em logar aquoso, e que a pouco e pouco embebe-se a humidade por entre as juntas das pedras, até que por fim ellas arruinão-se tornando a habitação doentia e pestifera.

Com a devida permissão de meu pai eu ficarei aqui entre vós, em cuja companhia minha ousada irmã não poderá vir importunar-me.

Isto dizendo e ao mesmo tempo perguntando aos circumstantes se estavam contentes de que ella entre elles se hospedasse, obteve a approvação de todos e o consentimento de seu pai, ao qual abraçou e beijou primeiramente, e depois caminhou com os pastores para as suas pobres choupanas, enchendo todos os animos de seu amor, e sendo sempre estimada e venerada pelos simples camponeses.

A Mentira.... por fim enganava a todos.

Traduzido do italiano por J. B.

O gostinho de vos dar figurinos modernos todos os mezes, e chegadinhos no vapor inglez, desta feita ia nos dando agoa pela barba! Por um triz! Se não fosse a bondade do Sr. inspector da alfandega, figurinos hoje—vispora! Que em portuguez quer dizer—não tínhamos figurinos para este domingo.

Meu bom Deus, o que não dirião as nossas assignantes contra a pobre Christina....

Misericordia! e os praguentos, esses que dizem cobras e lagartos contra tudo por concomitancia a todos e a tudo!... Arrenego delles.

Bom foi não nos acontecer tal desgraça.

Aqui estão elles, querida leitora, os figurinos: como são lindos, fresquinhos e modernos: ainda estão saltando com os pulinhos de Paris. Ora